

A SITUAÇÃO MILITAR NA UCRÂNIA

Por Jacques Baud*



Comboio de veículos blindados russos se desloca ao longo de uma rodovia na Crimeia (AP).

As análises da imprensa sobre o conflito na Ucrânia se baseiam em informações duvidosas, muitas vezes hipóteses transformadas em fatos, deturpando a realidade e levando a falsas conclusões. Neste extenso e bem documentado artigo, ex-oficial da inteligência suíça conduz a uma série de questionamentos.

PARTE UM: NO CAMINHO DA GUERRA

Durante anos, do Mali ao Afeganistão, trabalhei pela paz e arrisquei minha vida por isso. Não se trata, portanto, de justificar a guerra, mas de compreender o que nos levou a ela. Observo que os “especialistas” que se revezam nos aparelhos de televisão analisam a situação com base em informações duvidosas, na maioria das vezes hipóteses transformadas em fatos, e por isso não conseguimos mais entender o que está acontecendo. É assim que você cria pânico.

O problema não é tanto quem está certo neste conflito, mas como nossos líderes tomam suas decisões.

Tentemos examinar as raízes do conflito. Começa com [aqueles](#) que nos últimos oito anos nos falaram sobre “separatistas” ou “independência” do Donbass. Está errado. Os referendos realizados pelas duas autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Luhansk em maio de 2014 não foram referendos de “independência” (независимость), como alegaram [certos jornalistas inescrupulosos](#), mas [referendos](#) de “autodeterminação” ou “autonomia” (самостоятельность). O qualificador “pró-russo” sugere que a Rússia era parte do conflito, o que não era o

caso, e o termo “falantes de russo” teria sido mais honesto. Além disso, esses referendos foram realizados contra o conselho de Vladimir Putin.

De fato, essas repúblicas não buscavam se separar da Ucrânia, mas ter um estatuto de autonomia que lhes garantisse o uso da língua russa como língua oficial. Porque o primeiro ato legislativo do novo governo resultante da derrubada do presidente Yanukovich foi a abolição, em 23 de fevereiro de 2014, da lei Kivalov-Kolesnichenko de 2012 que havia tornado o russo uma língua oficial. Um pouco como se os golpistas decidissem que o francês e o italiano não seriam mais línguas oficiais na Suíça.

Esta decisão causou uma tempestade na população de língua russa. Isso resultou em uma repressão feroz contra as regiões de língua russa (Odessa, Dnipropetrovsk, Kharkov, Lugansk e Donetsk), que começou em fevereiro de 2014 e levou a uma militarização da situação e alguns massacres (Odessa e Mariupol, os mais importantes). No final do verão de 2014, restavam apenas as autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Lugansk.

Nesta fase, demasiado rígidos e presos a uma abordagem doutrinária da arte operacional, os estados-maiores ucranianos deram sofrimento ao inimigo sem conseguir se impor. O exame do curso dos combates em 2014-2016 no Donbass mostra que o estado-maior ucraniano aplicou sistemática e mecanicamente os mesmos esquemas operacionais. No entanto, a guerra travada pelos autonomistas estava então muito próxima do que observamos no Sahel: operações muito móveis realizadas com meios leves. Com uma abordagem mais flexível e menos doutrinária, os rebeldes conseguiram explorar a inércia das forças ucranianas para “surpreendê-las” repetidamente.

Em 2014, estou na OTAN, responsável pela luta contra a proliferação de armas pequenas, e estamos tentando detectar entregas de armas russas aos rebeldes para saber se Moscou está envolvida. A informação que recebemos então vem praticamente toda dos serviços de inteligência poloneses e não “combina” com a informação da OSCE: apesar de alegações bastante grosseiras, não observamos nenhuma entrega de armas e materiais militares russos.

Os rebeldes estão armados graças às deserções de unidades ucranianas de língua russa que passam para o lado rebelde. À medida que as falhas ucranianas progrediam, todos os batalhões de tanques, artilharia ou antiaéreos aumentaram as fileiras dos autonomistas. É isso que leva os ucranianos a se comprometer com os Acordos de Minsk.

Mas, logo após a assinatura dos Acordos de Minsk 1, o presidente ucraniano Petro Poroshenko lançou uma vasta operação antiterrorista (АТО/Антитерористична операція) contra o Donbass. *Bis repetita placent*: mal assessorados pelos oficiais da OTAN, os ucranianos sofreram uma derrota esmagadora em Debaltsevo que os obrigou a se comprometer com os Acordos de Minsk 2...

É essencial lembrar aqui que os Acordos de Minsk 1 (setembro de 2014) e Minsk 2 (fevereiro de 2015) não previam a separação nem a independência das repúblicas, mas sua autonomia no âmbito da Ucrânia. Aqueles que leram os

[Acordos](#) (são muito, muito, muito poucos) descobriram que está escrito na íntegra que o *status* das repúblicas deveria ser negociado entre Kiev e os representantes das repúblicas, para uma *solução interna* na Ucrânia.

É por isso que, desde 2014, a Rússia exigiu sistematicamente sua aplicação, recusando-se a participar das negociações, porque era um assunto interno da Ucrânia. Por outro lado, os ocidentais – a França na liderança – tentaram sistematicamente substituir os Acordos de Minsk pelo “formato Normandia”, que colocava russos e ucranianos frente a frente. No entanto, lembremos, nunca houve tropas russas no Donbass antes de 23 a 24 de fevereiro de 2022. Além disso, os [observadores da OSCE](#) nunca observaram o menor vestígio de unidades russas operando no Donbass. Assim, o mapa de inteligência dos EUA publicado pelo [Washington Post](#) em 3 de dezembro de 2021 não mostra tropas russas no Donbass.

Em outubro de 2015, Vasyl Hrytsak, [diretor do Serviço de Segurança Ucrainiano](#) (SBU), confessou que apenas 56 combatentes russos foram observados no Donbass. Foi até comparável ao dos suíços que foram lutar na Bósnia durante os fins de semana, na década de 1990, ou dos franceses que vão lutar na Ucrânia hoje.

O exército ucraniano estava então em estado deplorável. Em outubro de 2018, após quatro anos de guerra, o [procurador-chefe militar da Ucrânia, Anatoly Matios](#), disse que a Ucrânia havia perdido 2.700 homens no Donbass: 891 por doença, 318 por acidentes de trânsito, 177 por outros acidentes, 175 por tóxicos (álcool, drogas), 172 por manuseio descuidado de armas, 101 por violação das regras de segurança, 228 por assassinato e 615 por suicídio.

De fato, o exército era minado pela corrupção de seus quadros e não contava mais com o apoio da população. De acordo com um [relatório do Ministério do Interior britânico](#), quando os reservistas foram convocados em março-abril de 2014, 70% não compareceram na primeira sessão, 80% na segunda, 90% na terceira e 95% na quarta. Em outubro/novembro de 2017, [70% dos convocados não se apresentaram](#) durante a campanha de retorno de chamada “Outono 2017”. Isso sem contar os [suicídios](#) e [deserções](#) (muitas vezes em benefício dos separatistas) que atingem até 30% da força de trabalho na zona ATO. Os jovens ucranianos se recusavam a lutar no Donbass e preferiam a imigração, o que também explica, pelo menos parcialmente, o déficit demográfico do país.

O Ministério da Defesa ucraniano então recorreu à OTAN para ajudá-la a tornar suas forças armadas mais “atraentes”. Tendo já trabalhado em projetos semelhantes no âmbito das Nações Unidas, fui convidado pela OTAN para participar em um programa destinado a restaurar a imagem das forças armadas ucranianas. Mas é um processo longo e os ucranianos querem ir rápido.

Assim, para compensar a falta de soldados, o governo ucraniano recorreu a milícias paramilitares. Elas são compostas principalmente por mercenários estrangeiros, muitas vezes ativistas de extrema direita. A partir de 2020, eles representam cerca de 40% das forças da Ucrânia e são [cerca de 102.000 homens, segundo a Reuters](#). Eles são armados, financiados e treinados pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá e França. São mais de 19 nacionalidades – incluindo a Suíça.

Os países ocidentais, portanto, claramente criaram e apoiaram [milícias de extrema direita ucranianas](#). Em outubro de 2021, o *Jerusalem Post* soou o alarme ao denunciar o projeto [Centúria](#). Essas milícias operam no Donbass desde 2014, com apoio ocidental. Mesmo que possamos discutir o termo “nazista”, o fato é que essas milícias são violentas, transmitem uma ideologia nauseante e são virulentamente antissemitas. Seu [antissemitismo é mais cultural do que político](#), e é por isso que o qualificador “nazista” não é realmente apropriado. Seu ódio aos judeus vem das grandes fomes das décadas de 1920 e 1930 na Ucrânia, resultantes do confisco de colheitas por Stalin para financiar a modernização do Exército Vermelho. No entanto, esse genocídio – conhecido na Ucrânia como Holodomor – foi perpetrado pelo NKVD (ancestral da KGB), cujos altos escalões de liderança eram compostos principalmente por judeus. É por isso que, hoje, os extremistas ucranianos estão pedindo a Israel que [se desculpe pelos crimes do comunismo](#), conforme observado pelo *Jerusalem Post*. Estamos, portanto, muito longe de uma “[reescrita da história](#)” por Vladimir Putin.

Essas milícias, oriundas dos grupos de extrema-direita que lideraram a revolução Euromaidan em 2014, são formadas por indivíduos fanáticos e brutais. O mais conhecido deles é o regimento Azov, cujo emblema lembra o da 2ª Divisão Panzer SS *Das Reich*, objeto de verdadeira veneração na Ucrânia, por ter libertado Kharkov dos soviéticos em 1943, antes de perpetrar o massacre de Oradour-sur-Glane em 1944, na França.

Entre as figuras famosas do regimento Azov estava Roman Protasevich, preso em 2021 pelas autoridades bielorrussas na sequência do caso do voo FR4978 da Ryanair. Em 23 de maio de 2021, fala-se do [sequestro deliberado de um avião](#) de passageiros por um MiG-29 – com a [concordância de Putin](#), é claro – para prender Protasevich, embora as [informações então disponíveis](#) não confirmem de nenhuma maneira esse cenário.

Mas é preciso então mostrar que o presidente Lukashenko é um bandido e Protasevich um “jornalista” apaixonado pela democracia. No entanto, uma pesquisa bastante edificante produzida por uma [ONG americana em 2020](#) destacou as atividades militantes de extrema-direita do Protasevich. A conspiração ocidental então se coloca em movimento e a mídia sem escrúpulos [“prepara” sua biografia](#). Finalmente, em janeiro de 2022, o [relatório da ICAO](#) é publicado e mostra que, apesar de alguns erros processuais, a Bielorrússia agiu de acordo com as regras em vigor e que o MiG-29 decolou 15 minutos depois que o piloto da Ryanair decidiu pousar em Minsk. Portanto, nenhuma conspiração da Bielorrússia e muito menos com Putin. Ah!... Mais um detalhe: Protasevich, [cruelmente torturado](#) pela polícia bielorrussa, agora está livre. Aqueles que gostariam de se corresponder com ele podem acessar sua conta no [Twitter](#).

A qualificação de “nazista” ou “neonazista” dada aos paramilitares ucranianos é considerada [propaganda russa](#). Pode ser; mas essa não é a opinião do *The Times of Israel*, do [Simon Wiesenthal Center](#) ou do [Counterterrorism Center](#) da West Point Academy. Mas isso permanece discutível, porque, em 2014, a [revista Newsweek](#) parecia associá-los ao... Estado Islâmico. Uma escolha!

Assim, o Ocidente apoia e continua a armar milícias que são culpadas de vários [crimes contra populações civis desde 2014](#): estupro, tortura e massacres. Mas, embora o governo suíço tenha sido muito rápido em impor sanções contra a Rússia, não adotou nenhuma contra a Ucrânia, que vem massacrando sua própria população desde 2014. De fato, aqueles que [defendem os direitos humanos na Ucrânia](#) há muito condenam a ações desses grupos, mas não foram seguidos por nossos governos. Porque, na realidade, não estamos tentando ajudar a Ucrânia, mas sim combater a Rússia.

A integração destas forças paramilitares na Guarda Nacional não foi de forma alguma acompanhada de uma “desnazificação”, [como pretendem alguns](#). Entre os muitos exemplos, é edificante o da insígnia do regimento Azov:



Em 2022, muito esquematicamente, as forças armadas ucranianas que combatem a ofensiva russa estão organizadas em:

- Exército, subordinado ao Ministério da Defesa: é articulado em três corpos de exército e composto por formações de manobra (tanques, artilharia pesada, mísseis etc.);
- Guarda Nacional, que depende do Ministério do Interior e está articulada em cinco comandos territoriais.

A Guarda Nacional é, portanto, uma força de defesa territorial que não faz parte do exército ucraniano. Inclui as milícias paramilitares, chamadas “batalhões de

voluntários” (добровольчі батальйони), também conhecidas pelo nome evocativo de “batalhões de retaliação”, compostos de infantaria. Treinados principalmente para o combate urbano, agora garantem a defesa de cidades como Kharkov, Mariupol, Odessa, Kiev etc.

PARTE DOIS: A GUERRA

Como ex-responsável pelas forças do Pacto de Varsóvia no serviço de inteligência estratégico suíço, observo com tristeza – mas não com espanto – que nossos serviços não são mais capazes de entender a situação militar na Ucrânia. Os autoproclamados “especialistas” que desfilam em nossas telas transmitem incansavelmente as mesmas informações moduladas pela afirmação de que a Rússia – e Vladimir Putin – é irracional. Vamos dar um passo atrás.

O SURTO DE GUERRA

Desde novembro de 2021, os americanos constantemente brandem a ameaça de uma invasão russa contra a Ucrânia. No entanto, os ucranianos não parecem concordar. Por quê?

Temos que voltar a 24 de março de 2021. Nesse dia, Volodymyr Zelensky promulgou [um decreto](#) para a [reconquista da Crimeia](#) e começou a enviar suas forças para o sul do país. Simultaneamente, vários exercícios da OTAN foram realizados entre o Mar Negro e o Mar Báltico, acompanhados por um [aumento significativo nos voos de reconhecimento](#) ao longo da fronteira russa. A Rússia então realiza alguns exercícios para testar a prontidão operacional de suas tropas e mostrar que está acompanhando a evolução da situação.

As coisas se acalmam até outubro-novembro com o fim dos exercícios do ZAPAD-21, cujos movimentos de tropas são interpretados como reforço para uma ofensiva contra a Ucrânia. No entanto, mesmo as autoridades ucranianas refutam a ideia de preparativos russos para uma guerra e Oleksiy Reznikov, ministro da Defesa ucraniano, diz que [não houve mudanças](#) na fronteira desde a primavera.

Violando os Acordos de Minsk, a Ucrânia está realizando operações aéreas em Donbass usando drones, incluindo pelo menos [um ataque contra um depósito de combustível em Donetsk em outubro de 2021](#). A imprensa americana aponta isso, mas não os europeus, e ninguém condena essas violações.

Em fevereiro de 2022, os eventos correm. Em 7 de fevereiro, durante sua visita a Moscou, Emmanuel Macron reafirma a Vladimir Putin [sua adesão aos Acordos de Minsk](#), compromisso que repetirá após sua [entrevista com Volodymyr Zelensky](#) no dia seguinte. Mas em 11 de fevereiro, em Berlim, após nove horas de trabalho, a reunião dos conselheiros políticos dos líderes do “formato Normandia” termina, sem nenhum resultado concreto: os [ucranianos ainda e sempre se recusam a aplicar os Acordos de Minsk](#), aparentemente sob pressão dos Estados Unidos. Vladimir Putin então percebe que Macron lhe fez promessas vazias e que o Ocidente não está pronto para fazer cumprir os Acordos, como vem fazendo há oito anos.

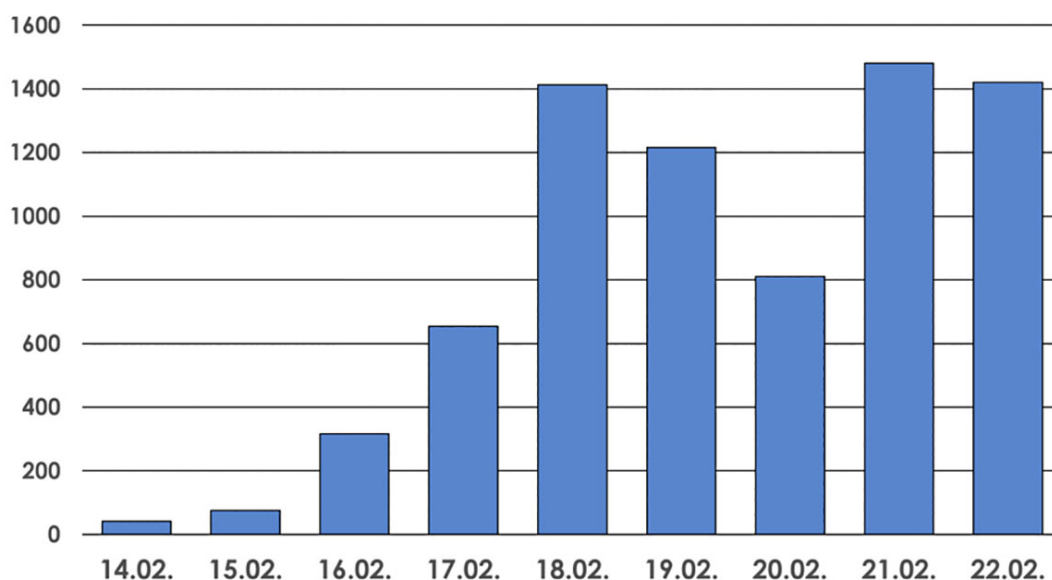
Os preparativos ucranianos na zona de contato continuam. O Parlamento russo está alarmado e em 15 de fevereiro pede a Vladimir Putin que reconheça a independência das repúblicas, o que ele recusa.

Em 17 de fevereiro, o presidente Joe Biden [anuncia que a Rússia atacará a Ucrânia](#) nos próximos dias. Como ele sabe? Mistério..., mas desde o dia 16, o bombardeio de artilharia das populações de Donbass aumentou dramaticamente, como mostram os relatórios diários dos observadores da OSCE. Naturalmente, nem a mídia, nem a União Europeia, nem a OTAN, nem qualquer governo ocidental reage ou intervém. Diremos mais tarde que isso é desinformação russa. De fato, parece que a União Europeia e alguns países deliberadamente encobriram o massacre do povo do Donbass, sabendo que isso provocaria a intervenção russa.

Ao mesmo tempo, há relatos de atos de sabotagem no Donbass. Em 18 de janeiro, combatentes do Donbass interceptam sabotadores equipados com equipamentos ocidentais que falavam polonês tentando criar incidentes químicos em [Gorlivka](#). Eles poderiam [ser mercenários da CIA](#), liderados ou “aconselhados” por americanos e formados por combatentes ucranianos ou europeus, para realizar ações de sabotagem nas Repúblicas do Donbass.

Número de explosões registradas em Donbass

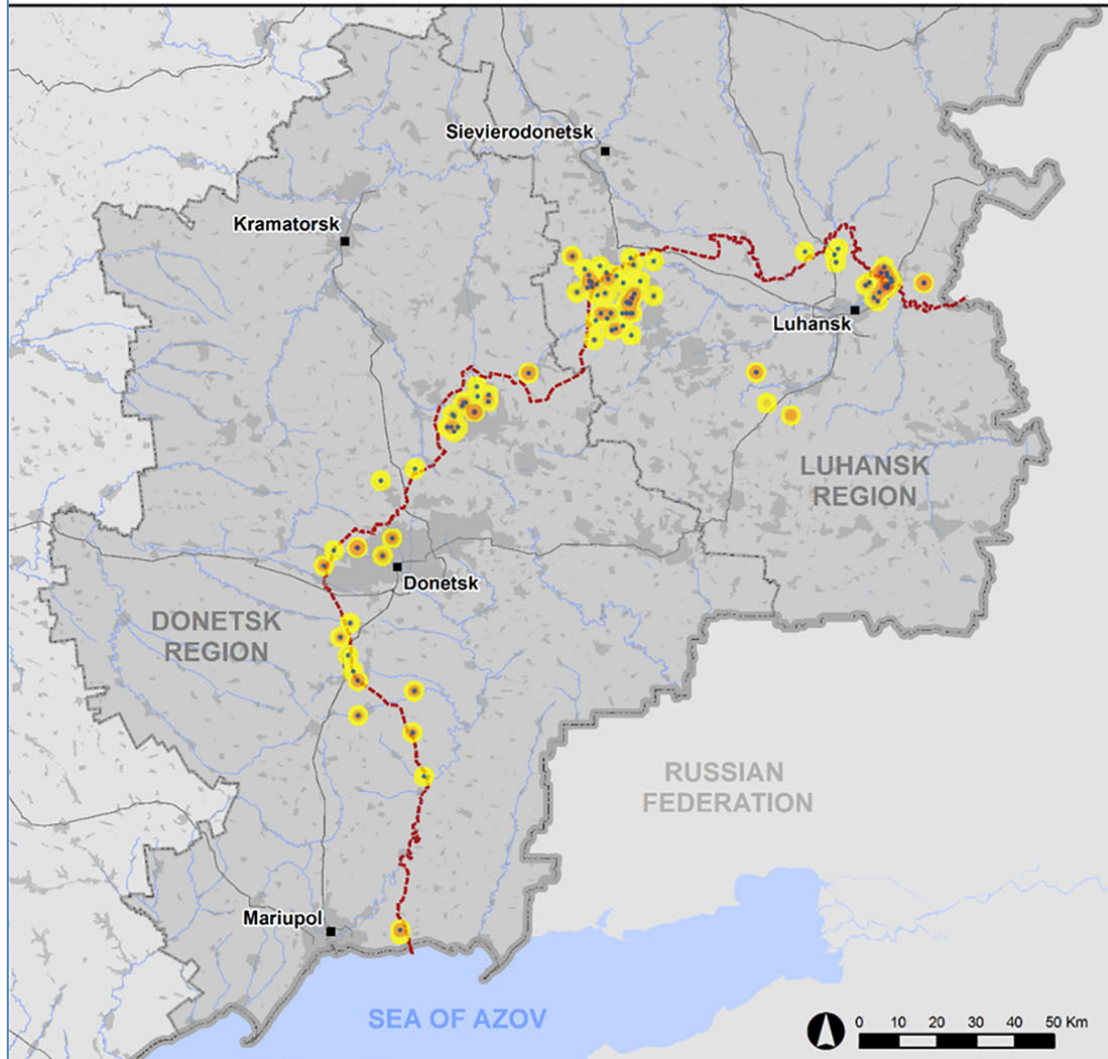
(14 a 22 de fevereiro de 2022)



O aumento maciço de fogo contra a população de Donbass a partir de 16 de fevereiro diz aos russos que uma grande ofensiva é iminente. É isso que leva Vladimir Putin a reconhecer a independência das Repúblicas e a vislumbrar uma intervenção no âmbito do artigo 51 da Carta das Nações Unidas.

[Fonte: Relatórios Diários da OSCE SMM]

Ceasefire violations observed by the SMM 18 February 2022



Ceasefire violation concentration

- High
-
- Low
- Explosion
- Settlement
- Estimated line of contact

Sources: Administrative Boundaries - OCHA; Roads, Rivers - OpenStreetMap; Sea - VLIZ (2005), IHO Sea Areas; Other - OSCE.

Coordinate System: WGS 1984 UTM Zone 37N

This map is provided for illustrative purposes only. Its content is not warranted to be error-free and does not imply endorsement or acceptance by the OSCE SMM.

© OSCE SMM 2019 Use, copy, reproduction, transmission, broadcasting, sale, license, or exploitation not permitted without OSCE prior written authorization.

Created: 19/02/2022

De fato, já em 16 de fevereiro, Joe Biden sabe que os ucranianos começaram a bombardear as populações civis do Donbass, colocando Vladimir Putin diante de uma escolha difícil: ajudar militarmente o Donbass e criar um problema internacional ou ficar ocioso e assistir aos falantes de russo do Donbass sendo esmagados.

Se decidir intervir, Vladimir Putin pode invocar a obrigação internacional de “Responsabilidade de Proteger” (R2P). Mas ele sabe que qualquer que seja sua natureza ou escala, a intervenção desencadeará uma chuva de sanções. Portanto, se sua intervenção se limita ao Donbass ou se vai mais longe para pressionar os ocidentais pelo *status* da Ucrânia, o preço a ser pago será o mesmo. Isso é o que ele explica durante seu discurso em 21 de fevereiro.

Naquele dia, ele atendeu ao pedido da Duma e reconheceu a independência das duas repúblicas do Donbass e, no processo, assinou tratados de amizade e assistência com elas.

Os bombardeios de artilharia ucraniana sobre as populações do Donbass continuaram e, em 23 de fevereiro, as duas repúblicas solicitaram ajuda militar da Rússia. No dia 24, Vladimir Putin invoca o artigo 51 da Carta das Nações Unidas, que prevê a assistência militar mútua no âmbito de uma aliança defensiva.

Para tornar a intervenção russa totalmente ilegal aos olhos do público, obscurecemos deliberadamente o fato de que a guerra realmente começou em 16 de fevereiro. O exército ucraniano estava se preparando para atacar o Donbass já em 2021, como certos serviços de inteligência russos e europeus estavam bem cientes... os juristas julgarão.

Em seu discurso de 24 de fevereiro, Vladimir Putin afirmou os dois objetivos de sua operação: “desmilitarizar” e “desnazificar” a Ucrânia. Não se trata, portanto, de tomar a Ucrânia, ou mesmo, provavelmente, de ocupá-la e certamente não de destruí-la.

A partir daí, nossa visibilidade sobre o andamento da operação é limitada: os russos têm uma excelente segurança de operações (OPSEC) e o detalhamento de seu planejamento não é conhecido. Mas com bastante rapidez, o curso das operações permite entender como os objetivos estratégicos foram traduzidos no plano operacional.

- Desmilitarização:
 - Destruição terrestre da aviação ucraniana, sistemas de defesa aérea e meios de reconhecimento;
 - Neutralização das estruturas de comando e inteligência (C3I), bem como das principais rotas logísticas na profundidade do território;
 - Cerco do grosso do exército ucraniano concentrado no sudeste do país.
- Desnazificação:
 - Destruição ou neutralização de batalhões voluntários que operam nas cidades de Odessa, Kharkov e Mariupol, bem como em várias instalações do território.

A “DESMILITARIZAÇÃO”

A ofensiva russa se desenrola de maneira muito “clássica”. A princípio – como os israelenses haviam feito em 1967 – com a destruição em solo das forças aéreas nas primeiras horas. Então, assistimos a uma progressão simultânea em vários eixos segundo o princípio da “água corrente”: avançamos onde a resistência é fraca e deixamos as cidades (muito vorazes no uso de tropas) para depois. Ao norte, a usina de Chernobyl é ocupada imediatamente para evitar atos de sabotagem. As imagens de soldados ucranianos e russos [guardando conjuntamente](#) a fábrica naturalmente não são mostradas...

A ideia de que a Rússia está tentando assumir Kiev, a capital, para eliminar Zelensky, vem tipicamente do Ocidente: foi o que eles fizeram no Afeganistão, Iraque, Líbia e o que eles [queriam fazer na Síria com a ajuda do Estado Islâmico](#). Mas Vladimir Putin nunca teve a intenção de abater ou derrubar Zelensky. Pelo contrário, a Rússia procura mantê-lo no poder, empurrando-o para negociar cercando Kiev. Ele se recusou a fazer até agora para implementar os Acordos de Minsk, mas agora os russos querem obter a neutralidade da Ucrânia.

Muitos comentaristas ocidentais ficaram atônitos com o fato de os russos continuarem a buscar uma solução negociada enquanto conduziam operações militares. A explicação está na concepção estratégica russa, desde os tempos soviéticos. Para os ocidentais, a guerra começa quando a política cessa. No entanto, a abordagem russa segue uma inspiração Clausewitziana: a guerra é a continuidade da política e pode-se passar fluidamente de uma para outra, mesmo durante o combate. Isso cria pressão sobre o oponente e o empurra para negociar.

Do ponto de vista operacional, a ofensiva russa foi um exemplo desse tipo: em seis dias, os russos tomaram um território tão vasto quanto o Reino Unido, com uma velocidade de avanço maior do que a Wehrmacht fez em 1940.

A maior parte do exército ucraniano foi implantado no sul do país para uma grande operação contra o Donbass. É por isso que as forças russas conseguiram cercá-lo desde o início de março no “caldeirão” entre Slavyansk, Kramatorsk e Severodonetsk, por um impulso vindo do leste via Kharkov e outro vindo do sul da Crimeia. As tropas das Repúblicas de Donetsk (DPR) e Lugansk (LPR) completam a ação das forças russas com um empurrão do leste.

Neste ponto, as forças russas estão lentamente apertando o laço, mas não estão mais sob pressão do tempo. Seu objetivo de desmilitarização é praticamente alcançado e as forças residuais ucranianas não têm mais uma estrutura de comando operacional e estratégico.

A “desaceleração” que os nossos “experts” atribuem à má logística é apenas consequência do cumprimento dos objetivos traçados. A Rússia parece não querer ocupar todo o território ucraniano. Na verdade, parece que a Rússia está tentando limitar seu avanço à fronteira linguística do país.

Nossa mídia fala de bombardeios indiscriminados contra populações civis, particularmente em Kharkov, e imagens dantescas são transmitidas em *loop*. No

entanto, Gonzalo Lira, um latino-americano que mora lá, nos presenteia com uma cidade calma em [10 de março](#) e [11 de março](#). É verdade que é uma cidade grande e não vemos tudo, mas isso parece indicar que não estamos na guerra total com que somos constantemente servidos em nossas telas.

Quanto às Repúblicas de Donbass, elas “libertaram” seus próprios territórios e estão lutando na cidade de Mariupol.

“DESNAZIFICAÇÃO”

Em cidades como Kharkov, Mariupol e Odessa, a defesa é feita por milícias paramilitares. Elas sabem que o objetivo da “desnazificação” é dirigido principalmente a elas.

Para um atacante em uma área urbanizada, os civis são um problema. É por isso que a Rússia procura criar corredores humanitários para esvaziar as cidades de civis e deixar apenas as milícias para combatê-las mais facilmente.

Por outro lado, essas milícias procuram manter civis nas cidades para dissuadir o exército russo de lutar lá. É por isso que elas relutam em implementar esses corredores e fazem tudo para que os esforços russos sejam em vão: elas podem usar a população civil como “escudos humanos”. Vídeos mostrando civis tentando deixar Mariupol e sendo espancados por combatentes do regimento Azov são naturalmente cuidadosamente censurados aqui.

No *Facebook*, o grupo Azov foi considerado na mesma categoria do Estado Islâmico e sujeito à “política de indivíduos e organizações perigosas” da plataforma. Foi, portanto, proibido glorificá-lo, e os *posts* que lhe eram favoráveis foram sistematicamente proibidos. Mas em 24 de fevereiro, o *Facebook* mudou sua política e [permitiu postagens favoráveis](#) à milícia. No mesmo espírito, em março, a plataforma autoriza, nos antigos países do Leste, [apelos ao assassinato de soldados e líderes russos](#). Aqui estão os valores que inspiram nossos líderes, como veremos.

Nossa mídia propaga uma imagem romântica de resistência popular. É esta imagem que levou a União Europeia a financiar a distribuição de armas à população civil. É um ato criminoso. Em meu papel como chefe de doutrina para operações de paz na ONU, trabalhei na questão da proteção de civis. Vimos então que a violência contra civis ocorreu em contextos muito específicos. Especialmente quando as armas são abundantes e não há estruturas de comando.

No entanto, essas estruturas de comando são a essência dos exércitos: sua função é canalizar o uso da força de acordo com um objetivo. Ao armar os cidadãos de forma aleatória como é o caso atualmente, a UE os transforma em combatentes, com as consequências decorrentes: alvos potenciais. Além disso, sem comando, sem objetivos operacionais, a distribuição de armas leva inevitavelmente ao acerto de contas, ao banditismo e a ações mais mortíferas do que efetivas. A guerra torna-se uma questão de emoções. A força torna-se violência. Foi o que aconteceu em Tawarga (Líbia) de 11 a 13 de agosto de 2011, onde 30.000 negros africanos foram massacrados com armas lançadas por paraquedas (ilegalmente) pela

França. Além disso, o [Real Instituto Britânico de Estudos Estratégicos](#) (RUSI) não vê nenhum valor agregado nessas entregas de armas.

Além disso, ao entregar armas a um país em guerra, expõe-se a ser considerado um beligerante. Os ataques russos de 13 de março de 2022 contra a base aérea de Mykolayiv seguem os [avisos russos](#) de que o transporte de armas seria tratado como alvo hostil.

A UE repete a experiência desastrosa do Terceiro Reich nas horas finais da Batalha de Berlim. A guerra deve ser deixada para os militares e quando um lado perde, deve ser admitido. E para que haja resistência, ela deve imperativamente ser liderada e estruturada. No entanto, estamos fazendo exatamente o contrário: estamos pressionando cidadãos a lutar e, ao mesmo tempo, o *Facebook* [permite pedidos de assassinato de soldados e líderes russos](#). Aqui estão os valores que nos inspiram.

Em alguns serviços de inteligência, essa decisão irresponsável é vista como uma forma de usar a população ucraniana como bucha de canhão para combater a Rússia de Vladimir Putin. Tivemos que deixar esse tipo de decisão assassina para os colegas do avô de Ursula von der Leyen. Teria sido mais sensato entrar em negociações e assim obter garantias para as populações civis do que jogar lenha na fogueira. É fácil ser combativo com o sangue dos outros...

MATERNIDADE EM MARIUPOL

É importante entender de antemão que não é o exército ucraniano que defende Mariupol, mas a milícia Azov, formada por mercenários estrangeiros.

Em seu resumo da situação de 7 de março de 2022, [a missão russa da ONU](#) em Nova York afirma que “os moradores relatam que as forças armadas ucranianas expulsaram o pessoal do Hospital de Nascimento nº 1 da cidade de Mariupol e instalaram um posto de tiro dentro do estabelecimento”.

Em 8 de março, a [mídia independente russa Lenta.ru](#) publicou o testemunho de civis de Mariupol que disseram que a maternidade foi tomada por milícias do regimento Azov e perseguiram os ocupantes civis, ameaçando-os com armas. Confirmam assim as declarações do embaixador russo de algumas horas antes.

O hospital Mariupol ocupa uma posição dominante, perfeitamente adequada para a instalação de armas antitanque e para observação. Em 9 de março, as forças russas atingiram o prédio. [Segundo a CNN](#), há 17 feridos, mas as imagens não mostram vítimas nas instalações e não há evidências de que as vítimas relatadas estejam relacionadas a este ataque. Falamos de crianças, mas na realidade não vemos nada. Pode ser verdade, mas pode ser falso... O que não impede que os [líderes da UE vejam isso como um crime de guerra](#)... O que permite que Zelensky, logo depois, reivindique uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia...

Na realidade, não sabemos exatamente o que aconteceu. Mas a sequência de eventos tende a confirmar que as forças russas atingiram uma posição do regimento Azov e que a maternidade estava liberada de todos os civis.

O problema é que as milícias paramilitares que garantem a defesa das cidades são incentivadas pela comunidade internacional a não respeitar os costumes da guerra. Parece que os ucranianos reencenaram o cenário da maternidade na [cidade do Kuwait em 1990](#), que havia sido completamente encenado pela empresa Hill & Knowlton pelo valor de 10,7 milhões de dólares para convencer o Conselho de Segurança das Nações Unidas a intervir no Iraque para as operações Escudo/Tempestade do Deserto.

Os políticos ocidentais também aceitaram ataques contra civis em Donbass por oito anos, sem adotar nenhuma sanção contra o governo ucraniano. Há muito entramos em uma dinâmica em que os políticos ocidentais concordaram em sacrificar o direito internacional para seu objetivo de [enfraquecer a Rússia](#).

PARTE TRÊS: CONCLUSÕES

Como ex-profissional de inteligência, a primeira coisa que me impressiona é a total ausência dos serviços de inteligência ocidentais em representar a situação por um ano. Na Suíça, [os serviços foram criticados](#) por não terem fornecido uma imagem correta da situação. Na verdade, parece que em todo o mundo ocidental os serviços foram sobrecarregados pelos políticos. O problema é que são os políticos que decidem: o melhor serviço de inteligência do mundo é inútil se o decisor não o ouvir. Foi o que aconteceu durante esta crise.

Dito isto, enquanto alguns serviços de inteligência tinham uma imagem muito precisa e racional da situação, outros claramente tinham a mesma imagem propagada por nossos meios de comunicação. Nesta crise, os serviços dos países da “nova Europa” desempenharam um papel importante. O problema é que, por experiência, descobri que eram extremamente ruins no plano analítico: doutrinários, não têm a independência intelectual e política necessária para apreciar uma situação com “qualidade” militar. É melhor tê-los como inimigos do que como amigos.

Então, parece que em alguns países europeus, os políticos ignoraram deliberadamente seus serviços para responder ideologicamente à situação. É por isso que esta crise foi irracional desde o início. Será observado que todos os documentos apresentados ao público durante esta crise foram apresentados por políticos com base em fontes comerciais...

Alguns políticos ocidentais obviamente queriam um conflito. Nos Estados Unidos, os cenários de ataque apresentados por Antony Blinken ao Conselho de Segurança foram apenas fruto da imaginação de um [Tiger Team \(equipe de especialistas\) que trabalhava para ele](#): Blinken fez exatamente como Donald Rumsfeld em 2002, que assim “ignorou” a CIA e outros serviços de inteligência que foram muito menos assertivos sobre as armas químicas iraquianas.

Os desenvolvimentos dramáticos que estamos testemunhando hoje têm causas que conhecíamos, mas nos recusamos a ver:

- No plano estratégico, a expansão da OTAN (de que não tratamos aqui);

- No plano político, a recusa ocidental de implementar os Acordos de Minsk;
- E no nível operacional, os ataques contínuos e repetidos às populações civis de Donbass por anos e o aumento dramático no final de fevereiro de 2022.

Em outras palavras, podemos naturalmente deplorar e condenar o ataque russo. Mas NÓS (isto é: Estados Unidos, França e União Europeia na liderança) criamos as condições para o surgimento de um conflito. Mostramos compaixão pelo povo ucraniano e pelos [dois milhões de refugiados](#). Isso é bom. Mas se tivéssemos um mínimo de compaixão pelo mesmo número de [refugiados das populações ucranianas de Donbass](#) massacradas por seu próprio governo e que se acumulam na Rússia há oito anos, provavelmente nada disso teria acontecido.

Vítimas civis no Donbass (2018-2021)					
	No território das autoproclamadas repúblicas	Em território controlado pelo governo	Dentro da <<terra de ninguém>>	Total	Evolução em relação ao ano anterior
2018	128	27	7	162	-41.9%
2019	85	18	2	105	-35.2%
2020	61	9	0	70	-33.3%
2021	36	8	0	44	-37.1%
Total	310	62	9	381	
%	81.4	16.3	2.3	100.0	

Como podemos ver, mais de 80% das vítimas do Donbass vêm do fogo do exército ucraniano. Ao longo dos anos, os ocidentais permaneceram em silêncio diante do massacre de ucranianos de língua russa pelo governo de Kiev, sem nunca tentar influenciar Kiev. Foi esse silêncio que obrigou a Rússia a agir.

[Fonte: "Conflict-related civilian casualties in Ukraine", Missão de Monitoramento dos Direitos Humanos das Nações Unidas na Ucrânia, Escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos, 31 de dezembro de 2021 (atualizado em 27 de janeiro de 2022)]

Se o termo “genocídio” se aplica aos abusos sofridos pelas populações de Donbass, é uma questão em aberto. Este termo é geralmente reservado para casos maiores (Holocausto etc.), no entanto, a definição dada pela [Convenção sobre o genocídio](#) provavelmente é ampla o suficiente para ser aplicada. Os juristas apreciarão.

Claramente, esse conflito nos levou à histeria. As sanções parecem ter se tornado a ferramenta preferida de nossa política externa. Se tivéssemos insistido para que a Ucrânia respeitasse os Acordos de Minsk, que negociamos e endossamos, nada disso teria acontecido. A condenação de Vladimir Putin também é a nossa. Não adianta reclamar depois do fato, tínhamos que agir antes. No entanto, nem Emmanuel Macron (como fiador e membro do Conselho de Segurança da ONU), nem Olaf Scholz, nem Volodymyr Zelensky respeitaram seus compromissos. Em última análise, a verdadeira derrota é a daqueles que não têm voz.

A União Europeia não conseguiu promover a implementação dos acordos de Minsk, pelo contrário, não reagiu quando a Ucrânia bombardeou a sua própria

população no Donbass. Se ela tivesse feito isso, Vladimir Putin não precisaria reagir. Ausente da fase diplomática, a UE distinguiu-se por alimentar o conflito. Em 27 de fevereiro, o governo ucraniano [concorda em iniciar negociações](#) com a Rússia. Mas algumas horas depois, a União Europeia vota um orçamento de [450 milhões de euros para fornecer armas](#) à Ucrânia, colocando lenha na fogueira. A partir daí, os ucranianos sentem que não precisarão chegar a um acordo. A resistência das milícias Azov em Mariupol provocará até um [aumento de 500 milhões de euros para armas](#).

Na Ucrânia, com a bênção dos países ocidentais, os que são favoráveis à negociação são eliminados. É o caso de Denis Kireyev, um dos negociadores ucranianos, [assassinado em 5 de março](#) pelo serviço secreto ucraniano (SBU) por ser muito favorável à Rússia e considerado um traidor. O mesmo destino está reservado para Dmitry Demyanenko, ex-vice-chefe da direção principal do SBU para Kiev e sua região, [assassinado em 10 de março](#), porque era muito favorável a um acordo com a Rússia: ele é morto pela milícia Mirotvorets (“Pacificador”). Esta milícia está associada ao site Mirotvorets que lista os “inimigos da Ucrânia”, com seus dados pessoais, endereço e números de telefone, para que [possam ser perseguidos, até mesmo eliminados](#); uma prática punível em muitos países, mas [não na Ucrânia](#). A ONU e alguns países europeus exigiram seu fechamento... recusado pela Rada (legislativo unicameral da Ucrânia).

Eventualmente, o preço será alto, mas Vladimir Putin provavelmente alcançará as metas que estabeleceu para si mesmo. Seus laços com Pequim se solidificaram. A China surge como mediadora do conflito, enquanto a Suíça entra na lista de inimigos da Rússia. Os americanos devem pedir petróleo à Venezuela e ao Irã para sair do impasse energético em que se encontram: Juan Guaidó sai de cena definitivamente e os Estados Unidos devem lamentavelmente reverter as sanções impostas a seus inimigos.

Os ministros ocidentais que procuram [desmoronar a economia russa](#) e fazer o [povo russo](#) passe por [sofrimentos](#), inclusive pedindo o [assassinato](#) de Putin, mostram (mesmo que tenham recuado parcialmente na forma das suas observações, mas não no fundo!) que nossos líderes não são melhores do que aqueles que odiamos. Porque sancionar atletas russos dos Jogos Paraolímpicos ou artistas russos não tem absolutamente nada a ver com uma luta contra Putin.

Assim, portanto, reconhecemos que a Rússia é uma democracia, pois consideramos que o povo russo é o responsável pela guerra. Se não, então por que procuramos punir uma população inteira pela culpa de um homem? Lembremos que a punição coletiva é proibida pelas Convenções de Genebra...

A lição a ser aprendida com esse conflito é nosso senso de humanidade de geometria variável. Se nos importamos tanto com a paz e com a Ucrânia, por que não a encorajamos mais a respeitar os acordos que ela assinou e que os membros do Conselho de Segurança aprovaram?

A integridade da mídia é medida por sua vontade de trabalhar sob os termos da Carta de Munique. Eles conseguiram propagar o [ódio aos chineses](#) durante a crise da covid e sua mensagem polarizada leva aos [mesmos efeitos contra os russos](#). O

jornalismo está se despojando cada vez mais do profissionalismo para se tornar militante...

Como disse Goethe: “Quanto maior a luz, mais escura a sombra”. Quanto mais escandalosas as sanções contra a Rússia, mais casos em que não fizemos nada destacam nosso racismo e nosso servilismo. Por que nenhum político ocidental reagiu aos ataques contra as populações civis de Donbass por oito anos?

Afinal, o que torna o conflito na Ucrânia mais censurável do que a guerra no Iraque, Afeganistão ou Líbia? Que sanções adotamos contra aqueles que deliberadamente mentiram perante a comunidade internacional para travar guerras injustas, injustificadas, injustificáveis e assassinas? Tentamos “fazer sofrer” o povo americano que mentiu para nós (porque é uma democracia!) antes da guerra no Iraque? Será que adotamos uma única sanção contra os países, empresas ou políticos que alimentam o conflito no Iêmen, considerado o [“pior desastre humanitário do mundo”](#)? Sancionamos os países da União Europeia que praticam a tortura mais abjeta em seu território em benefício dos Estados Unidos?

Fazer a pergunta é respondê-la... e a resposta não é gloriosa.

Artigo publicado no Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Centro Francês de Pesquisa de Inteligência).

***Jacques Baud** é coronel aposentado do Estado-Maior-Geral da Suíça, ex-membro da inteligência estratégica suíça e especialista em países do Leste Europeu, treinado nos serviços de inteligência americanos e britânicos. Foi chefe de doutrina para as operações de paz das Nações Unidas. Como especialista em leis e instituições de segurança das Nações Unidas, projetou e liderou o primeiro serviço de inteligência multidimensional da ONU no Sudão. Trabalhou para a União Africana e foi responsável pela luta contra a proliferação de armas pequenas na OTAN por cinco anos. Esteve envolvido em conversas com altos oficiais militares e de inteligência russos depois da queda da URSS. Na OTAN, acompanhou a crise ucraniana de 2014 e participou de programas de assistência à Ucrânia. É autor de vários livros sobre inteligência, guerra e terrorismo.
